



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO-UNIFAMETRO**

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AMANDA MEDEIROS PELUCIO**

**DOUGLAS LIMA FERREIRA**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

**CASCADEL/CE**

**2023**

**AMANDA MEDEIROS PELUCIO**

**DOUGLAS LIMA FERREIRA**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Pedagogia do Centro Universitário Fametro -  
UNIFAMETRO sob orientação do Professor Me.  
Raianny Lima Soares como parte dos requisitos  
para a conclusão do curso.

**CASCAVEL/CE**

**2023**

**AMANDA MEDEIROS PELUCIO**

**DOUGLAS LIMA FERREIRA**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Este artigo foi apresentado no dia 14 de junho de 2023 como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Raianny Lima Soares

Orientadora - UNIFAMETRO

---

Prof. Dr. Webster Guerreiro Belmino

Membro - UNIFAMETRO

---

Prof. Me. Eryck Dieb Souza

Membro Externo – Prefeitura Municipal de Fortaleza

## AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Medeiros Pelúcio<sup>1</sup>

Douglas Lima Ferreira<sup>2</sup>

Raianny Lima Soares<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda as relações de gênero nas brincadeiras e jogos na Educação Infantil, de modo a verificar as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na primeira etapa da educação básica. O objetivo da investigação é discutir sobre processos formativos praticados no espaço escolar, com destaque nas questões de gênero que estão presentes em jogos e brincadeiras. O estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, na qual utilizou a revisão bibliográfica como procedimento metodológico. Os principais resultados apontam que o ato de brincar é fundamental para uma criança. Conclui-se que é necessário pautar discussões que incentivem questionamentos e mobilizem a prática dos professores, levando-os a refletir sobre o fazer pedagógico de maneira crítica, sensível e comprometida com o cotidiano e suas experiências inquietantes.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Jogos e Brincadeiras e Relações de Gênero.

### GENDER RELATIONS IN PLAYS AND GAMES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

### ABSTRACT

This article addresses gender relations in play and games in early childhood education, in order to verify issues related to gender identity from the school routine in the first stage of basic education. The objective of the investigation is to discuss the formative processes practiced in the school environment, with emphasis on gender issues that are present in games and activities. This report is characterized by qualitative research, in which a bibliographic review was used as a methodological procedure. The main results indicate that the act of playing is fundamental for a child. It is concluded that it is necessary to guide discussions that encourage questioning and mobilize the practice of teachers, leading them to reflect on the pedagogical work in a critical, sensitive and committed way with everyday life and their disturbing experiences.

**Keywords:** Early Childhood Education, Games and Games and Gender Relations.

---

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO.

<sup>2</sup> Graduando no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO.

<sup>3</sup> Mestre em educação. professora adjunto no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO.

## 1 INTRODUÇÃO

Na trilha da vida, desde o nascimento até o final da existência biológica, as pessoas vão construindo sua personalidade e afirmando suas interações culturais com base nesta troca mútua entre a formação social que recebemos, na educação ampla da comunidade, no espaço escolar, com a construção individual que retorna ao meio para também modificá-lo. Partindo desta premissa, cada ser humano vai se constituindo enquanto sujeito à medida que o meio social circundante infere sobre sua formação em uma dialética contribuição que modifica valores culturais, ou seja, a humanidade é formada do coletivo para o individual e do individual para o coletivo. Percebemos a importância do debate contínuo sobre as nuances que envolvem o fazer humano na sua inteireza.

Desse modo, a criança enquanto sujeito histórico que se relaciona, está em constante aprendizagem. Viver é aprender inevitavelmente, seja este aprendizado direcionado por outrem ou de forma espontânea. Brincar também é aprender, existe uma organização procedimental ou fantasiosa, mas que independente do formato, com ou sem regras, acaba fazendo com que a pessoa envolvida receba e produza valores. De acordo com Vygotsky (1984) é através das brincadeiras que as crianças desenvolvem habilidades de interação no meio social, emocional, cognitivo e intelectual, assim, o ato de brincar possibilita escolhas, descobertas e exercem a autonomia com relação a suas próprias ferramentas de conexão com o mundo ao seu redor. Reconhecemos, assim, a necessidade de pensar a formação contínua do ser humano, a partir de seu nascimento e não poderia ser diferente no espaço escolar levando em consideração cada individualidade, sobretudo na educação infantil enquanto primeira etapa da educação básica.

O ato de brincar e os brinquedos são de grande importância para o mundo infantil e suas particularidades. Na educação infantil, o brinquedo está inserido em todos os espaços escolares, desde a etapa mais inicial, o berçário. Logo, além dos brinquedos como objeto físico, as brincadeiras são elementos significativos para o desenvolvimento como um todo das crianças. Vygotsky (1984) postula que a brincadeira pode ter papel fundamental no desenvolvimento da criança e que sua dimensão se mostra muito maior ao considerarmos todas as suas possibilidades, funcionalidades e contribuições, as quais perpassam pelo desenvolvimento social, psicológico e intelectual.

É neste espaço, nesta zona de aprendizagem, que esta pesquisa caminha para discutir os processos formativos praticados na educação infantil com destaque nas questões de gênero que estão presentes em jogos e brincadeiras. Das circunstâncias teóricas e práticas apresentadas nas

experiências educacionais da educação infantil, surge uma inquietação persistente: Como jogos e brincadeiras podem contribuir na construção do gênero das crianças no contexto da Educação Infantil?

Por princípio, que atue na construção de uma sociedade igualitária, a educação infantil deve estar pautada no respeito e combate a qualquer forma de discriminação, incluindo as relações de gênero que continuam sendo perpetuadas culturalmente de forma desigual.

Nesta conjectura, esta pesquisa tem como objetivo discutir as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na educação infantil, principalmente em relação às brincadeiras e jogos. De acordo com Vygotsky (1984), as brincadeiras e brinquedos fazem parte da aquisição cognitiva das crianças, independente de gênero, enquanto os jogos, no âmbito escolar, são um vínculo para o desenvolvimento intelectual da criança, ou seja, ambos contribuem para o desenvolvimento integral da mesma, tendo ação efetiva.

Nossa pesquisa pretende contribuir também, para as reflexões sobre educação infantil, quanto ao contexto pessoal, educacional e social, visto que o tema é pouco explorado, tem ausência de estudos e é um assunto pertinente nas escolas, onde as questões de gênero sempre foram tratadas de maneira opressiva.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AS RELAÇÕES DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA HISTÓRIA DA INFÂNCIA.

Na História da Educação, a concepção de infância só se efetivou no século XVIII. Na Idade Média, ela não existia e a escola por sua vez tinha um objetivo religioso e por isso atendia as crianças de qualquer idade sem distinções de ano ou série como vemos atualmente. Na Idade Moderna, surgiu um novo olhar sobre as particularidades, identidade da criança e os rumos da educação e da escola. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (Ariès, 1981, p. 14). Desse modo, a criança era tratada como um adulto em miniatura, trabalhava nos mesmos locais e usava os mesmos tipos de roupas de uma pessoa adulta, só que em uma versão menor.

No primeiro momento da infância, enquanto “filhote de homem” (ROCHA, 2002, p. 25), em que não podia cuidar de si sozinha, a passagem da criança pela família era breve e insignificante. Contudo, depois dos sete anos de idade, a criança era implantada na vida adulta, ajudando na vida econômica da família. A partir do século XV, passou a ter uma nova visão desta organização de família e de escola devido às mudanças que estavam acontecendo na sociedade naquele momento com a Modernidade, fazendo com que estas duas instituições assumissem um papel formador com relação à criança.

A infância nesse período é vista como um período da vida do ser humano. A escola que até então era indiferente à formação infantil, passa a fazer a diferenciação das idades, criando as classes escolares. Conforme descreve Cambi (1999, p.22),

[...] é delegado um papel cada vez mais definido e mais decisivo, de tal modo que elas se carregam cada vez mais de uma identidade educativa, de uma função ligada não só ao cuidado e ao crescimento do sujeito em idade evolutiva ou à instrução formal, mas também à formação pessoal e social ao mesmo tempo.

Desse modo, começou a existir uma identidade educativa, passou da função de cuidar para uma formação pessoal e social. Seguiu a valorizar a integralidade da criança, com seus questionamentos, que deslumbram a sociedade onde vive.

Nos estudos de Kishimoto (1992; 2016) e Schwartz (1998), o século XVI é caracterizado pelo início das tentativas de associar o jogo e a brincadeira à educação da criança, mas esses movimentos de transformações sociopolíticas e pedagógicas só foram iniciados realmente no século XVII. No século seguinte, um dos maiores teóricos do século XVIII chamado Jean-Jacques Rousseau (1756) influenciou na pedagogia o modo de ver a criança,

assim, colocando a mesma no centro do processo educacional, ressaltando a necessidade de manter na criança o seu caráter infantil, o que “implicaria num brincar valorizado como atividade própria da criança, que se marca uma ruptura da representatividade da imagem que se tinha da criança” (Rousseau, 1999, p. 68).

No final do século XVIII e início do século XIX, a criança é colocada definitivamente no centro da família e da sociedade. É a partir desse momento da História que de fato o jogo é inserido nas escolas como espaço de educação da primeira infância, assim, um espaço de desenvolvimento para a criança brincar naturalmente.

Atualmente, por vezes o jogo é percebido de forma equivocada por alguns professores, quando confundem o conceito de jogos, em que geralmente a criança fica livre e faz uma escolha aleatória da atividade, sem um direcionamento do docente. Oliveira (2012, p. 34) defende que “[...] uma proposta que contemple jogos para a Educação Infantil deve ter o cuidado de oferecer as atividades específicas (jogos e brincadeiras); mas também as interações entre crianças e crianças, entre crianças e seus professores”.

Dessa forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) tem como eixos norteadores do currículo das práticas pedagógicas da educação infantil as interações e brincadeiras, assim como todo regulamento desenvolvido acerca da educação infantil, sempre respeitando a criança. O brincar permite que a criança desenvolva diversas habilidades, de psicomotora a física e emocional, inventando, explorando, criando novas brincadeiras, imitando os adultos que a cerca, gerando autonomia e desenvolvendo traços da sua personalidade. Alguns tipos de brincadeiras são voltadas ao raciocínio lógico, deixam as crianças mais calmas, causam interações, diversão, levam à prática de exercício físico, autoconhecimento, empatia e outras estimulam noções de convivência que serão úteis para a vida.

Embora as crianças joguem enquanto brincam, a verdade é que, etimologicamente, existem muitas diferenças entre brincar e jogar. Nesse sentido, o jogo pressupõe a existência de uma competição, com vencedor, na qual existem regras estabelecidas que todas as crianças envolvidas devem seguir, proporcionando o estímulo do pensamento lógico, conhecem limites e regras que os estruturam, lidam com a frustração de perder, e com a satisfação de vencer. Já o ato de brincar não existe regra ou estas são criadas pelos intervenientes da brincadeira de forma livre, logo, as crianças experienciam sensações positivas, dentro da sua participação voluntária, e podem explorar tudo; os seus medos, a criatividade, as suas preferências, os movimentos



livres dos seus corpos, a linguagem (real ou fantasiada). Assim, Almeida (1978, p. 85) escreve que:

etimologicamente a palavra JOGO vem do latim LOCUS, que significa gracejo, zombaria e que foi empregada no lugar de ludus: brinquedo, jogo, divertimento, passatempo. [...] os jogos não devem ser fins, mas meios para atingir objetivos. Estes devem ser aplicados para o benefício educativo. Os jogos devem ser construídos de atividades permanentes nos espaços da Educação Infantil, pois por meio deles é possível que a criança trabalhe de forma integral, ou seja, nos aspectos físicos, psicológicos, cognitivos e sociais.

Logo, deve se pensar nos jogos em sua totalidade, como os jogos de exercícios que são efetivados com o próprio corpo da criança, começando com movimentos simples e prosseguindo para os mais difíceis, os jogos sensoriais, que instigam os experimentos sensoriais e a capacidade criadora da criança, e os jogos de linguagem, que ajudam na comunicação, como por exemplo, rodas, canções, apresentações faladas.

Assim, a educação na infância e a utilização do brincar e dos jogos inseridos na escola, possibilitam desenvolver nas crianças autonomia nas atividades de motricidade fina e ampla, a criatividade, a responsabilidade nos cuidados com os materiais utilizados, o desejo de narrar o vivido para seus colegas, a estruturação da consciência corporal, noção de espaço-temporal, sendo o lúdico o principal procedimento metodológico numa perspectiva biopsicossocial da criança sem exclusões.

Utilizar o brincar, o jogar como eixo da proposta curricular “é fundamental para a criança na medida em que ela se desenvolve como ser humano, é uma prática significativa, por meio do qual, o sujeito se constitui, atinge o outro e se faz reconhecer por este” (SOMMERHALDER, 2011, p. 63). Nesta perspectiva, os jogos e as brincadeiras tornam o aprendizado mais natural, acessível e lúdico.

## **2.2 JOGO E BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA**

O brincar é o alicerce da infância e seu uso possibilita o trabalho pedagógico que admite a produção do conhecimento, além de estimular a afetividade na criança. É inerente à natureza infantil o gosto pelo brincar e enquanto brinca, a criança desenvolve habilidades cognitivas e sociais importantes e que implicam em seu processo desenvolvimento por toda a vida.

Ao retornar a história e a evolução do ser humano na sociedade, percebemos que a criança nem sempre foi considerada como é hoje. Antigamente, ela não tinha existência social,

era considerada miniatura do adulto, seu valor era relativo nas classes altas era educada para ter um prestígio na sociedade e nas classes baixas o valor da criança iniciava quando ela podia ser útil ao trabalho, colaborando na geração da renda familiar.

Atualmente, não há dúvida, que os primeiros anos de vida da criança são fundamentais para seu desenvolvimento, envolvendo de maneira significativa os aspectos físico, emocional e cognitivo, que serão os alicerces para sua aprendizagem e interações com mundo físico e social.

Nessa perspectiva, a educação infantil, como primeira etapa da educação básica, deve desenvolver atividade lúdica, principalmente em relação ao ato de brincar no qual é um direito inegociável da criança. Assim a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que o brincar se torna fundamental, tanto para o aprendizado, como para o desenvolvimento da criança. Logo, a brincadeira possibilita a aprendizagem do indivíduo, sua concepção do mundo, seus saberes e seus conhecimentos. Organizar propostas didáticas por meio de atividades lúdicas proporciona um envolvimento maior, o que beneficia a construção de significados de noções próprias do mundo da criança.

Nesse caminho, o brincar faz parte da vida da criança em qualquer idade e deve ser percebido tanto como um momento de divertimento, como podendo promover a aprendizagem, cooperar no processo de desenvolvimento social e cultural. Dessa forma, as diferentes manifestações dessa linguagem foram surgindo, como a dança, o jogo, as brincadeiras, as práticas esportivas, nas quais se faz uso de diferentes gestos, posturas e expressões corporais com intencionalidade e que ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas (Brasil, 1998).

Em seus escritos, Piaget (1988, p. 78), afirma que “grande parte dos educadores da faixa de 0 a 5 anos utiliza o jogo e as brincadeiras como prática pedagógica diária, defendendo seu uso como um excelente recurso à aprendizagem e desenvolvimento das crianças”. O teórico também considera que a criança de dois e quatro anos possui sua atividade motora muito ativa, gosta de correr, pular, arrastar, puxar e empurrar, e, em relação à linguagem, há uma melhor organização, o que permite à criança falar mais facilmente, articulando melhor as palavras.

É a partir dos dois anos que a criança se refere às pessoas e objetos pelo nome, por meio da atividade do brincar que há um aumento considerável de seu vocabulário, e ela é mais sociável nessa faixa de idade (Piaget, 1988). Contudo, o sentimento de posse que adquire em

relação aos seus brinquedos começa a aparecer e sua energia, exuberância, imaginação e curiosidade estão a toda força.

É oportuno ressaltar que o aprendizado que uma brincadeira permite é fundamental para a formação e desenvolvimento global da criança em todas as etapas de sua vida. Daí a importância do brincar e o cuidado também que se deve ter, para com os jogos e brinquedos não estimular a imitação gestual mecânica e estereotipada que são apresentadas às crianças (Brasil, 1999).

Portanto, o jogo e a brincadeira são ferramentas básicas da vida da criança, sendo que a criança busca o jogo por uma necessidade, seja ela educativa ou apenas como uma distração. Assim, é através dos jogos que a criança demonstra suas habilidades, seu caráter, sua vocação, ou seja, tudo que ela apresenta de oculto no seu eu em processo de formação, tornando-se visivelmente aparente na execução de jogos e brincadeiras pela criança.

[...] os jogos são caracterizados em três grandes tipos: jogos de exercícios (0 a 2 anos), jogo simbólico (2 a 6 anos) e jogo de regras (6 anos em diante). É a função que vai diferenciar esses jogos que não têm outra finalidade a não ser o próprio prazer do funcionamento. Jogos de exercício: é a primeira forma de jogo que a criança conhece e aparece antes do desenvolvimento verbal completo. [...] O jogo simbólico é, de certa forma, uma maneira de a criança comunicar ao outro aquilo que sente, Jogo de regras: é caracterizado pelo conjunto de leis que é imposto pelo grupo. Dessa forma, necessita de parceiros que aceitem o cumprimento das obrigações definidas nas regras. É um jogo estritamente social (PIAGET, 1978, p. 86).

Neste caminho, as experiências de jogos e brincadeiras nas instituições de educação infantil apresentam muitos benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que são significativas oportunidades para a ampliação do conhecimento das crianças. Todavia, é de responsabilidade dos professores planejar ações didáticas que incorporem o aprendizado, a escutar e o divertimento que o jogo e brincadeira podem proporcionar para as crianças.

Vygotsky (1998) descreve a importância da psicologia histórico-cultural, a qual defende que o sujeito se constitui a partir das relações com o outro. Vygotsky (1998, p. 127) descreve sobre a importância do brincar quando alerta que “a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que se vê”, ou seja, nas brincadeiras a criança pode dar outros sentidos ao que vê nos jogos, objetos dependendo de sua imaginação, possibilitando a criança transformar e produzir novos significados com seus pares.

Deste modo, Santos (1995) sinaliza a importância do brincar como uma atividade natural da criança, uma vez que:

O brincar é, portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para criança, constituindo-se em uma peça importantíssima para a sua formação e seu papel transcende o mero controle de habilidades. É muito mais abrangente. Sua importância é notável, já que, por meio dessas atividades, a criança constrói o seu próprio mundo (1995, p.4).

Quando a criança brinca, ela constrói o seu mundo, é no brincar que demonstra sua percepção de mundo, e faz sua escolha da simulação da realidade vivenciada por si. Almeida (1978) e Kishimoto (2016) ainda expõem que os jogos não devem ser fins, mas meios, devem ser aplicados para o benefício educativo.

Assim, a importância do brincar, mesmo sendo bastante amplo seu entendimento, não precisa ser considerada somente a partir dos brinquedos criados pelos adultos, mas que possa conceber nas brincadeiras infantis, a própria produção dos materiais realizados por ela. Desse modo, o docente deve perceber os jogos e as brincadeiras com propósitos e não somente o jogar por jogar.

### **2.3 A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DOS JOGOS E BRINCADEIRA.**

A construção da identidade da educação infantil enquanto primeira etapa da educação básica se deu a partir do século XIX, por meio das políticas de atendimento à infância, atendimento este marcado pela diferenciação da classe social. Por muito tempo não havia uma política que amparasse a educação infantil e muito menos houvesse investimento público e profissionalização nessa área.

A Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394/1996) (Brasil, 1996), e o Plano Nacional de Educação (Lei nº. 13.005/2014) determinam que independente de sua classe, grupo social, credo religioso e etnia, a educação é um direito de todas as crianças. Tais documentos evidenciam que é fundamental a organização e avaliação de políticas públicas a fim de buscar garantir o estudo formal às crianças, de modo planejado, tendo garantida a qualidade, o acesso e a permanência.

Dessa maneira, a educação infantil como primeira etapa da educação básica, dentre os seus objetivos educacionais, pauta uma educação pensada na igualdade de gêneros e uma educação que visa combater a misoginia, o sexismo e principalmente o preconceito. Assim, falar sobre gênero é bastante complexo, exige muita informação, reflexão, cientificidade, deste

modo, pautamos essas informações e argumentações quanto ao estudo de gênero na educação infantil nos documentos oficiais que norteiam a mesma.

O artigo segundo do Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2014) que aponta como diretriz superar as desigualdades educacionais e erradicar todas as formas de discriminação. Na Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1996), nos três primeiros artigos descreve que a educação é compreendida como processo de formação humana, sendo dever da família e do Estado, com finalidade, o pleno desenvolvimento do educando em seu processo de preparação para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. E, neste contexto, o ensino tem como base os princípios de igualdade, liberdade, pluralismo de ideias, tolerância, entre outros.

Dessa forma, escola e família devem trabalhar juntas na formação da criança, deixando evidente que discutir sobre as questões de gênero na instituição não está relacionado à destruição das famílias ou à confusão sobre a identidade das crianças. O intuito é exatamente o oposto. As discussões referentes aos aspectos de gênero servem para ampliar a compreensão acerca do respeito entre homens e mulheres, meninos e meninas, destacando que a mulher não é inferior ao homem, mostrando que nem os meninos e nem as meninas podem sofrer violência por serem quem são. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009), destacam seus princípios como forma de sustentar o respeito aos direitos fundamentais das crianças e na garantia de uma formação integral orientada para as diferentes dimensões humanas.

Por mais que ainda haja resistência da sociedade, políticos e até um desconhecimento de professores quanto à discussão sobre gênero desde a educação infantil, segundo Louro (2011) e Rios e Dias (2020), a escola é um espaço educativo, por onde se passam as vivências de gênero. No entanto, “[...] fica perceptível a necessidade de problematizar as questões que se entrecruzam a diversidade de gênero [...] nas práticas de currículo” (RIOS & DIAS, 2020, p. 7), de modo a problematizar as práticas que vêm acontecendo no interior das instituições escolares; é fundamental que pelo fato de receber crianças diversas, a escola traga para o centro do debate as diferenças existentes entre as pessoas, ensinando a não violentar qualquer ser humano por conta de características de gênero, sexualidade, diversidade religiosa, étnica etc.

Desta forma, é necessária a luta em favor de um currículo que busque romper um modelo machista, reprodutor de desigualdades e modelos heteronormativos que vem determinando o lugar de meninos e meninas. Segundo uma matéria do UOL (2020) onde o ministro Luíz Roberto Barroso do Supremo Tribunal Federal – STF decidiu que lei inspirada no Escola sem

Partido<sup>3</sup> é inconstitucional, logo, qualquer tentativa de vereadores/as, deputados/as estaduais de querer criar leis que proíbam a discussão de gênero nas escolas é considerada ilegal. Assim, as ações envolvendo as discussões de sexualidades, gêneros e corporeidade estão subordinadas ao amparo legal na legislação.

Todavia, a viabilidade da educação sexual fornecerá assuntos como a questão de gênero, assuntos como partes do corpo de meninos e meninas; linguagem científica e familiar. Noções de higiene pessoal, conceitos de nudez e privacidade, e respeito às diferenças identitárias a igualdade entre meninos e menina, isso deve resultar para o cuidado com a não violência sexual.

O brincar é importante para a socialização, o processo de aprendizagem sobre gênero, relações de identidades, assuntos estes pertinentes de linguagem acessível ao público da educação infantil. Dessa maneira, quanto maior o número de brincadeiras infantis implantadas nas atividades pedagógicas, maior será a ampliação do conhecimento da criança. Desse jeito, para que os objetivos sejam atingidos, devemos respeitar cada fase do desenvolvimento da criança, pois é um sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas a elas disponibilizadas.

Necessitamos apresentar para as crianças um número vasto de brincadeiras para que sua visão de mundo seja ampliada. Por meio dessas condições e contextos culturais, a criança faz amizade, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona e assim vai construindo sentidos sobre o mundo e suas identidades tanto pessoais quanto coletivas, seja com outro ser humano ou com objetos.

De acordo com Felipe (2013, p. 56), a identidade do ser humano perpassa pelo corpo, “[...] corpos masculinos e femininos não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma. Em nossa cultura, os corpos constituem-se no abrigo de nossas identidades (de gênero, sexuais e de raça)”. Compreende-se desta forma, que há uma hierarquização do masculino com relação ao que é feminino, nas relações dos brinquedos dirigidos às meninas, percebemos que há um investimento nos quesitos para beleza ou afazeres domésticos; para os meninos estes são sempre voltados ao externo como carros, motos, profissões, como bem destaca Guerra (2005, p. 67):

As questões de gênero aparecem claramente quando os brinquedos são descritos e sugeridos de acordo com a idade das crianças e são apresentados para demarcar os lugares sociais das mulheres e dos homens. As meninas são posicionadas, através da

---

<sup>3</sup>Escola sem Partido é um movimento que defende a neutralidade política e ideológica no ambiente escolar, argumentando que os professores não devem utilizar sua posição para influenciar politicamente os alunos. O objetivo principal desse movimento é combater supostas doutrinações.

brincadeira, como donas de casa ou mães, estando assim, ligadas ao espaço privado. Já os meninos, aprendem a valorizar o espaço público, a terem uma profissão e a valorizarem o desenvolvimento físico.

Esta compreensão se dá devido ao brincar e as brincadeiras estarem atrelados à compreensão da separação e da diferenciação por gênero, ou seja, brinquedos tidos como de meninas e de meninos e assim a sociedade vai constituindo os sujeitos e a escola por sua vez até em reproduzir esses efeitos (Fellipe, 2013).

Portanto, a escola deve barrar a propagação de ideias estereotipadas em relação às questões de gênero. Assim, torna-se fundamental que as práticas pedagógicas, a partir da realidade local, defendam que homens e mulheres têm capacidades cognitivas, físicas e mentais para realizar variadas atividades, sem inferiorizar uma em detrimento da outra. Quando a escola passa a questionar os tabus sociais, a compreensão da realidade acaba por se construir de uma forma mais igualitária e menos violenta.

Além disso, é preciso que os trabalhadores escolares tenham acesso à formação adequada e contínua, a fim de quebrar com o ciclo da manutenção dos preconceitos, para isso, os documentos oficiais que norteiam a prática da educação infantil precisam trazer em suas páginas ações que contemplem discussões e práticas sobre as relações de gênero.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se classifica como uma revisão integrativa de literatura. De acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011), as revisões são consideradas como o primeiro passo para a construção do conhecimento científico, visto que é por meio desse processo que novas teorias surgem devido a necessidade de se realizar um levantamento sobre as evidências que foram identificadas, bem como as lacunas encontradas sobre o assunto em questão.

Especificamente para esta pesquisa, serão utilizados os seguintes descritores: Relação de gênero, Educação infantil e Jogos e brincadeiras. Foram construídas duas estratégias de busca: "Gênero e Educação Infantil"; "Jogos/Brincadeiras e Relação de Gênero".

O estudo foi realizado entre outubro de 2022 e maio de 2023, nas estratégias de busca no Google Acadêmico, optou-se em configurar a pesquisa no período de 2012 a 2022, no idioma português, excluindo patentes e citações, assim, obtivemos aproximadamente 1790 estudos, apresentados, 10 estudos por página.

Após a primeira triagem de duplicatas, verificação das 20 primeiras páginas com a verificação do título, 179 estudos foram para análise. Foi então realizada uma segunda leitura, mais minuciosa, dos títulos e resumos, sendo selecionados 18 trabalhos para leitura na íntegra. Destes, foram excluídos doze estudos por não atenderem aos critérios de inclusão, sendo, portanto, incluídos 4 estudos nesta revisão.

Os critérios de inclusão foram estudos que respondessem à pergunta norteadora, abordando discutir as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na educação infantil, principalmente em relação às brincadeiras e jogos. Foram incluídos artigos originais de pesquisa com seres humanos, com publicação do ano de 2012 a 2022, no idioma português. Também foram incluídas teses, dissertações ou monografias, que estivessem relacionados com a temática. Foram excluídos resumos, editoriais, artigos de revisão de literatura, e os artigos que estavam em duplicata.

Também foram excluídos estudos que não respondiam à questão norteadora. O processo de seleção dos artigos deu-se a partir dos seguintes passos: 1) Leitura e análise dos títulos e resumos dos artigos; 2) Organização e ordenação dos estudos identificados; 3) Leitura dos artigos na íntegra. Foram coletadas as seguintes variáveis: estado/país de realização do estudo; objetivos do estudo; intervenção metodológica, principais resultados e conclusões.



Os dados foram selecionados utilizando o Google Acadêmico. O Google Acadêmico é uma ferramenta do Google que possibilita a localização de artigos, teses, dissertações e outras publicações úteis para pesquisadores. As variáveis coletadas foram organizadas em banco de dados no Excel e apresentadas em um quadro com suas principais características. É importante declarar que não existe conflito de interesses e conflitos de interesse na pesquisa.

**Quanto 1- lista dos estudos selecionados para a análise**

ESTUDOS	TÍTULO	AUTORES
1	A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TUBARÃO/SC.	Débora Cascaes Menegaz da Silva Maria Sirlene Pereira Schlickmann
2	O BRINCAR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: REFLEXÕES DE CRIANÇAS E DOCENTES.	Cássia Cristina Furlan Verônica Regina Müller
3	A CONSTRUÇÃO DA EXPRESSÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA: DO GESTO A PALAVRA.	Érica Silva Fróis
4	RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTRUTURA E AGÊNCIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE SER MENINO E SER MENINA.	Sandro Vinicius Sales Santos Isabel de Oliveira e Silva

## **4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste tópico, apresentam-se os resultados coletados e respectivas discussões, que abordam discutir as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na educação infantil, principalmente em relação às brincadeiras e jogos. Para análise, foram coletadas através de plataforma do Google Acadêmico as seguintes variáveis: estado/país de realização do estudo; objetivos do estudo; intervenção metodológica, principais resultados e conclusões.

A partir das leituras e análises dos artigos selecionados emergiram três categorias em diálogo com objetivo deste trabalho, que é discutir as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na educação infantil, principalmente em relação às brincadeiras e jogos.

As Categorias são: O Brincar como Direito; A Identidade de Gênero e as Brincadeiras das crianças; O Papel do Professor.

### **4.1 O BRINCAR COMO DIREITO**

Voltando-nos para a análise dos artigos, procuraremos elementos que nos ajudem na compreensão de como o brincar e sua importância vem sendo apresentados por esta produção de conhecimento. Desse modo, foi possível perceber que, em grande parte dos trabalhos a brincadeira é concebida pelos autores como uma maneira que a criança tem para compreender o meio no qual está inserida e expressar suas singularidades.

O brincar segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, já a brincadeira é um dos eixos estruturantes da prática pedagógica que compreende como as crianças aprendem e se desenvolvem em contextos de brincadeiras livre e as situações nas quais o professor organiza.

Nesse contexto, e por meio da brincadeira, as crianças são capazes de se expressar de formas complexas, podendo tomar seus próprios corpos e objetos como instrumentos de brincar. O DCNEI, Diretrizes Curriculares Nacional para Educação Infantil, ressalta que a proposta curricular da educação infantil deve ter como eixos norteadores as INTERAÇÕES e a BRINCADEIRA, além de garantir experiências em que favoreçam/ possibilitem a imersão das

crianças nas diferentes linguagens e vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade

Nesse cenário, os artigos selecionados para essa análise ressaltam a importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem, principalmente no artigo 01- A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TUBARÃO/SC dos autores Débora Cascaes e Maria Sirlene Pereira, onde evidenciamos que o brincar pode proporcionar às crianças aprendizagens com sentido e significado, além de transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conhecimentos gerais com os quais brinca. Dessa maneira, brincando, jogando e criando narrativas, as crianças estão falando de si próprias, dos seus medos, coragem, angústias, sonhos e ideias. Além de estar falando também, de seu tempo, da realidade em que vivem, de nós adultos, de nossas expectativas e projetos, de nossa presença e silêncio, de nossas certezas e dúvidas.

Nesta perspectiva, as ideias de Fröebel (1887, p.55-56) a respeito da brincadeira, afirma que ela é a maior expressão do desenvolvimento humano na infância, pois é a expressão livre do que vai na alma da criança. A criança, portanto, no pensamento de Vygotsky (1984), é um sujeito social que constrói significados e valores e os transforma, cria e recria sua cultura, sendo “o outro” muito importante nesse processo.

#### **4.2 A IDENTIDADE DE GÊNERO E AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS**

Iniciaremos este tópico reforçando o conceito de gênero, que consiste no indivíduo na qual o sexo é designado a ele ou se o mesmo se identifica como um homem, uma mulher ou pessoa não-binária. Dessa maneira, iremos relatar como as questões de gênero estão presentes nas brincadeiras das crianças, a partir dos estudos selecionados para a análise.

Dessa maneira, salientamos que brincadeira não tem gênero e, por esse motivo, não faz sentido a ideia de que meninas devem brincar de certos jogos e com determinados brinquedos e meninos com outros. Isso é apenas reflexo da sociedade em que vivemos, proveniente de uma divisão criada pelo mundo dos adultos.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, publicadas em 2009, o artigo sete trata da importância de se educar construindo novas formas de socialização e de subjetividade que sejam comprometidas com os aspectos lúdicos, ao mesmo tempo em que promovam o rompimento das relações de dominação de gênero. Já o artigo nove, aborda sobre a importância de as escolas promoverem o respeito pelos desejos e expressões de individualidade das crianças.

Contudo, os autores dos estudos escolhidos para essa análise destacam a padronização e separação por gênero em todos os aspectos da escola, inclusive do brincar. No estudo 04- A CONSTRUÇÃO DA EXPRESSÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA: DO GESTO A PALAVRA dos autores Sandro Vinicius Sales Santos e Isabel de Oliveira e Silva relatam enquanto na sala, as interações são de menino com menino e menina com menina, no parque, onde possuem brinquedos menos estruturados, não há distinção, todos brincam juntos. Os autores Sandro Vinicius Sales Santos e Isabel de Oliveira e Silva perceberam existir diversas situações no cotidiano institucional que promoviam separação entre meninos e meninas, no momento das brincadeiras, principalmente em situações nas quais o professor(a) organiza.

Segundo Finco (2004, p. 129) “a brincadeira possui um papel importante no processo de socialização e das relações de gênero na infância, pois cria um espaço experimental para a construção da identidade de gênero”. Assim, percebemos que as relações de gênero se constroem e se reconstróem na vivência de meninos e meninas, pois é no processo de socialização que as representações e os estereótipos são construídos.

Também observamos no estudo 02-das autoras Cássia Cristina Furlan e Verônica Regina Müller, várias situações que auxiliaram na fragmentação entre meninos e meninas nas práticas pedagógicas e em diversos rituais durante toda a rotina institucional na educação infantil, em que a própria sala de referência tem brinquedos que beneficiam a separação menino x menina. À vista disso, as crianças sabem que na escola podem brincar do que quiserem, mesmo que pensem que existe brinquedo para menino e para menina.

Sendo assim, os trabalhos investigados ressaltam uma estrutura social que domina, mas que as crianças interagem com os colegas, indo além da estrutura social. Em todos os tipos de vivência, interações, com intencionalidade ou sem estruturadas ou não, há divisão, sendo perceptível a influência dos adultos. Em grande maioria dos artigos analisados foi observado que as crianças procuravam se adequar aos padrões impostos pelos adultos da instituição.

Portanto, não significa que os pequenos sigam fielmente a cartilha, mas, as crianças apresentam múltiplas formas de vivenciar os gêneros e construir interpretação a partir de referências. Contudo, o ato de brincar é fundamental para uma criança, é uma importante forma de aprendizagem e de compreensão do mundo, além de fonte de prazer e maneira de expressão, logo, tanto faz o gênero, o que importa é ser criança.

#### **4.3 O PAPEL DO PROFESSOR.**

Partindo deste pressuposto, que a brincadeira é uma atividade que permeia o processo de ensino e aprendizagem, a socialização e as relações na educação infantil, onde as crianças possuem uma faixa etária de 0 a 5 anos, e o professor é o profissional que participa desta relação, podendo influenciar positivamente ou negativamente nesta experiência.

Desta forma, as práticas educativas, ao produzirem determinados comportamentos, acabam determinando posições diferenciadas para meninos e meninas, pois determinadas brincadeiras e os brinquedos explorados na educação infantil podem estar contribuindo para a construção de um modelo único de feminilidade e de masculinidade. É necessário enfatizar o papel dos docentes na desconstrução dos significados de gênero nas relações infantis, já que, as percepções de “menino e menina” são construídas nas interações sociais.

Ao analisarmos o estudo das autoras Débora Cascaes e Maria Sirlene, foi possível compreender duas visões diferentes sobre a prática educativa dos professores diante das brincadeiras entre meninos e meninas. A primeira visão estereotipada ressalta que meninas são mais cautelosas e contidas, são separadas quando fazem atividades, recebendo funções para meninos e outras para meninas, sendo feita diferenciação de brinquedos e brincadeiras pelo critério do sexo/gênero, incentivando os meninos a brincarem fora da sala por vê-los como agitados e sem notar, contribuem com a divisão por gênero. A segunda visão propõe uma prática que não faz distinção ou diferença entre gênero, que a mediação nas brincadeiras e atividades deixa que a criança escolha o brinquedo de sua preferência.

Santos (2016) salienta que o brincar e as brincadeiras infantis são vistas como momentos de legitimação das diferenças de gênero. Assim, podemos refletir que quando o professor (a) não percebe que a sua prática regula as brincadeiras, faz filas de meninos e de meninas. É uma forma de controle/regulação, que proporciona diariamente uma distinção do que pode ser feito pelas meninas e o que pode ser feito pelos meninos.

É possível perceber, que diante dos trabalhos analisados, grande parte dos professores na qual fizeram parte dos artigos selecionados para essa análise acreditam que existem atividades que apenas meninas podem fazer e outras para meninos, garantindo que existem identidades fixas que são reproduzidas no ambiente escolar. Logo, as interações, os comportamentos diversificados e não sexistas entre as crianças precisam ser discutidos e incentivados pelos professores (as), para que não exista uma natural separação entre meninas e meninos no ambiente escolar,

Face ao exposto, a fim de que aprendam a respeitar as diferenças e para que as desigualdades entre os gêneros diminuam, fica evidenciado que as exigências para as meninas são maiores que as dos meninos, pois os meninos são muitas vezes vistos pelas professoras como desatenciosos, agitados e agressivos, enquanto as meninas são vistas como calmas e meigas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como finalidade discutir as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na educação infantil, principalmente em relação às brincadeiras e jogos. Esta pesquisa foi realizada com as contribuições de autores e autoras que abordam as relações de gênero, brincadeira e os jogos na educação infantil, dentre eles podemos citar Kishimoto (1992;2016); Carvalho (2012); Oliveira (2012); Finco (2010); Santos (2016);

Em relação ao percurso metodológico, por causa dos objetivos e da questão norteadora na qual busca discutir as questões relacionadas à identidade de gênero a partir do cotidiano escolar na educação infantil, principalmente em relação às brincadeiras e jogos, o presente artigo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, na qual utilizou a revisão bibliográfica como procedimento metodológico. O estudo foi realizado entre outubro de 2022 e maio de 2023, nas estratégias de busca, no Google Acadêmico optou-se em configurar a pesquisa no período de 2012 a 2022, no idioma português.

Assim, a pesquisa revelou que os profissionais da educação desconsideram a influência de suas práticas nas relações de gênero vivenciadas pelas crianças e que as crianças são expostas a modelos de identidades fixas de masculinidade e feminilidade. Desta forma, meninas e meninos recebem tratamento diferenciado por parte dos professores (as), baseado em comportamento adequado para cada sexo. A articulação entre gênero, educação infantil e a formação continuada ainda representa um desafio a ser superado.

Para romper com as marcas que diferenciam os gêneros e que conseqüentemente levam às desigualdades, é necessário pautar discussões que incentivem questionamentos e mobilizem a prática dos professores, levando-os a refletir sobre o fazer pedagógico de maneira crítica, sensível e comprometida com o cotidiano e suas experiências inquietantes.

Reconhecemos, todavia, que não se trata de um processo simples. Ao contrário, é de reconhecida complexidade, uma vez que discutirá questões relacionadas à sua própria constituição de identidade docente e profissional, os seus preconceitos e modos de lidar com a diversidade, tendo em vista que todos esses aspectos já estão cristalizados no modo de ser dos indivíduos.

Por essa razão, é importante chamar a atenção para o fato de que apenas as discussões acerca das relações de gênero nem sempre são suficientes. Se a intenção é, realmente, proporcionar mudança no modo como as crianças percebem as relações de gênero, deve-se,

como já foi dito, promover atividades que lhes proporcionem vivências significativas nessa questão. O desafio é fazer com que as crianças, desde pequenas até os outros níveis de escolaridade, reconheçam e reflitam sobre as relações inerentes de poder, dominação e submissão que estão por trás dessas desigualdades, ideias e valores.

Nessa direção, é fundamental a implementação de políticas públicas de educação que considerem a construção de projetos educativos que abarquem as questões de gênero. Aplicar essa proposta requer pensar nos currículos, nas práticas escolares e nos métodos de ensino disponíveis não só às crianças, como também nos cursos de formação docente e nas capacitações dos profissionais da educação. O processo educativo pode ser uma via de acesso para diminuir e prevenir as desigualdades de gênero que, provavelmente, influenciarão diretamente na exclusão social.

Tal educação deve proporcionar situações em que o modelo de poder-submissão, da supremacia de um gênero sobre outro, implícita nas diversas relações, seja rompido. Vale ressaltar que é pertinente ainda problematizar o respeito pelas pessoas indiferentemente do seu gênero, etnia, idade, classe econômica e religião, haja vista que os profissionais da educação, principalmente no que se refere à educação infantil, são sujeitos engendrados e possuem inevitável poder no que concerne à educação dessas crianças, podendo contribuir (ou não) na edificação de uma sociedade mais igualitária e harmônica, em que as diferenças sejam respeitadas e acolhidas. Portanto, urge uma educação emancipatória e humana, que contribua para revelar as significações produzidas nas relações sociais, rompendo com as discriminações, desigualdades e preconceitos de gênero.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. N. **Dinâmica lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1978.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136 · maio-ago. 2011 · ISSN 1980-5756. Disponível em: . Acesso em: 12 maio 2014.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: data de acesso.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90. São Paulo: CBIA-SP, 1996.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.
- Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009b, Seção 1, P. 18.
- FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: Louro, G. L., Felipe, J., & Goellner. S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. (9. Ed). Petrópolis, RJ: Vozes, 54-66. (2013).
- FINCO, D. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2004.
- FINCO, D. **Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil**. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, (v. 3, n. 1), 119-134, <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ML/article/view/1905/1908>>. (2010)
- FROEBEL, F. **The education of man**. New York: Appleton. (1887)
- FRÓIS, E.S. **A construção da expressão de gênero na infância**: do gesto à palavra. *Pesquisa e Práticas psicossociais*, v. 15, n. 2, São João del-Rei, abril-junho de 2020.
- GUERRA, J. **Dos “segredos sagrados”**: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). 128 fls. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS, Faculdade de Educação, Porto Alegre. (2005).
- KISHIMOTO; Tizuko Morchida. **A criança, o jogo e a educação**. Tese de livre-docência apresentada à faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1992.
- KISHIMOTO, T. M. M. **Jogo, a criança e a educação**. Ed. rev. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

LEI nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014b.

LOURO, G. L. **Pedagogia da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 7-34.

OLIVEIRA, A. M. **Ludicidade na Educação Infantil: a importância na educação de crianças de 4 a 5 anos**. Londrina: UEL, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2012%20ANELIZE%20MOREIRA%20DE%20OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: data de acesso.

PEREIRA, A. S.; OLIVEIRA, M. B. O. **Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na Educação Infantil**. Revista Reflexão e Ação, v. 24, n. 1, Santa Cruz do Sul, p. 273-288, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7061>.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PIAGET, J. O. **Nascimento da inteligência na criança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINTO, M. **A infância como construção social**. In: \_\_\_\_\_. (Org.). O mundo das crianças: natureza, cultura e infância. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

RIOS, P. P. S., & Dias, A. F. **Currículo, diversidade sexual e de gênero: tecendo reflexões sobre a formação docente**. Research, Society and Development, 9(10). 1-23. <https://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.7572> (2020).

ROCHA, R. C. L. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções**. 2002.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca: sucata vira brinquedo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. **Socialização de gênero na Educação Infantil: uma análise a partir da perspectiva das crianças**. 2016. 313 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte. 2016.

SOMMERHALDER, A. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender**. Curitiba, PR: CRV, 2011.

Schwartz, G. M. **O processo educacional em jogo: algumas reflexões sobre a sublimação do jogo**. Licere, Belo Horizonte, 1(1), 66-76. (1998).

UOL. **STF decide que lei inspirada no Escola sem Partido é inconstitucional**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/21/stf-tem-maioria-contralei-de-alagoas-inspirada-no-escola-sem-partido.htm>. Acesso em: data de acesso.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da mente**. São Paulo: Martins Cortez, 1984.